

A INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM HISTÓRIA: UM INSTRUMENTO PARA O PROTAGONISMO DISCENTE

THE INTRODUCTION TO SCIENCE SUBJECT IN THE HISTORY COURSE: AN INSTRUMENT FOR THE STUDENT PROTAGONISM

Luís Augusto Farinatti¹

- RELATO -

RESUMO

Neste artigo, apresenta-se a iniciação científica na área de História, comentam-se as formas como ela se realiza na UNIFRA e propõe-se uma rápida reflexão sobre os papéis que essa atividade pode exercer na formação do profissional de História. Para além do começo das atividades de pesquisa, a iniciação científica também pode ser importante caminho para a construção do protagonismo dos alunos na construção de sua formação acadêmica. Por fim, essa experiência pode também ajudar a formar professores com conhecimento concreto sobre o processo de construção do saber histórico e que se percebam como verdadeiros autores do processo de ensino-aprendizagem, em conjunto com seus alunos.

Palavras-chave: iniciação científica, História.

INTRODUÇÃO

Um diploma de licenciatura em História habilita o profissional para as atividades em pesquisa e ensino nessa área do conhecimento. Assim, os professores e alunos de um curso de licenciatura têm uma oportunidade realmente interessante: elaborar uma reflexão constante e consistente sobre o entrelaçamento concreto entre pesquisa e ensino, no campo da História.

Nesse sentido, neste artigo, buscamos apresentar a iniciação científica praticada no Curso de História da UNIFRA. Em um segundo momento, procuramos refletir sobre a importância dessa atividade para a formação de

¹ Professor do Curso de História - UNIFRA. Doutor em História Social pela UFRJ. *E-mail:* lafarinatti@gmail.com.

pesquisadores, mas também de *professores* de História, porque não cremos que seja possível pensar nesses níveis separadamente.

Como iniciação científica, entendemos todas as atividades de pesquisa científica elaboradas pelos alunos de graduação, sejam elas apoiadas por bolsas de incentivo ou não. Tais atividades referem-se ao *ensino-aprendizagem da pesquisa* por meio da aventura de cada aluno: engajam-se em grupos existentes na Instituição a que pertencem, desenvolvem atividades em projetos de seus orientadores, criam, por fim, seu próprio projeto e desenvolvem suas próprias atividades de pesquisa.

A INICIAÇÃO CIENTÍFICA NO CURSO DE HISTÓRIA DA UNIFRA

A tradição da iniciação científica no Curso de História da UNIFRA é antiga, obra de alunos, professores e funcionários que passaram pelo Curso ao longo de vários anos. Os trabalhos finais de graduação são uma exigência para os alunos de todos os cursos da Instituição. Os professores do Curso de História também buscam contar com bolsas de iniciação científica para seus alunos, a partir de agências de fomento externas, como o CNPq e a FAPERGS. Por fim, a UNIFRA disponibiliza bolsas de iniciação científica institucionais, o que é um diferencial em relação a muitas outras instituições de ensino superior.

Os professores, cada um com seu projeto, se encaixam nas linhas de pesquisa do Curso e multiplicam seus próprios grupos de pesquisa, formados por alunos bolsistas e colaboradores, pertencentes a diversos semestres do curso de graduação. As atividades desses grupos contam com o suporte material do Laboratório de História (LAHIS), equipado com computadores, *internet*, material para coletas de entrevista oral, máquina fotográfica digital para coleta de fontes primárias em arquivos. O LAHIS abriga, também, um acervo diverso de fontes primárias como revistas e jornais, além de gravações de depoimentos orais e transcrições de documentos como, parte das Atas da Câmara de Vereadores de Santa Maria.

As primeiras experiências de pesquisa colocam o aluno em contato com um projeto amplo e, muitas vezes, consiste no primeiro trabalho sistemático com fontes primárias e com metodologias e técnicas de pesquisa diversas. Atividades como o trabalho em arquivos, a leitura de fontes primárias, as entrevistas orais, a interpretação iconográfica e arquitetônica são experimentadas pelos alunos sob a orientação de um professor e direcionadas a um planejamento que remete a um projeto específico.

Implicam, assim, em um aprendizado teórico e prático da pesquisa.

No Curso de História, temos buscado a manutenção regular e a ampliação sistemática dos alunos envolvidos nessas atividades. Vemos, no quadro 1, os projetos e grupos que envolvem atividades de iniciação científica no Curso de História da UNIFRA, no ano letivo de 2007, envolvendo tanto alunos bolsistas quanto alunos colaboradores. Os três últimos projetos relacionados envolvem também atividades de extensão.

Quadro 1. Iniciação científica no Curso de História da UNIFRA - 2007.

Projetos e grupos com atividades de iniciação científica	Nº de alunos participantes
A nova reordenação partidária e a sua percepção em nível local: Santa Maria - RS, 1964 - 1980	1
O trabalhismo reformista e seus reflexos em Santa Maria - 1960-1964.	1
História da família na fronteira meridional do Brasil (século XIX)	1
Um estudo sobre a saúde dos escravos no Rio Grande do Sul	1
Grupo de estudos e pesquisas sobre História Social da fronteira meridional do Brasil (século XIX)	6
Grupo de estudos "Graal" - grupo de estudos em história social da saúde	4
Grupo de estudos sobre América indígena (GEAI)	5
Pelos trilhos do Rio Grande do Sul: o caso do carro ferroviário Duque de Caxias (1940 - 1960)	2
Sistematização e organização do acervo museológico do Centro Histórico Coronel Pillar da Brigada Militar de Santa Maria (RS)	2
Organização e informatização do acervo do Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma	4

Fonte: professores orientadores dos projetos - Carlos Roberto Rangel, Elisabeth Medeiros, Lenir Agostini, Luís Augusto Farinatti, Nikelen Witter e Roselaine Correa.

As atividades descritas desenvolvem-se em vários espaços externos à UNIFRA: Arquivo Municipal de Santa Maria, Arquivo da Câmara Municipal de Santa Maria, Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, Arquivo Público do Rio Grande do Sul, Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma, Acervo Particular Edmundo Cardoso.

No entanto, como é possível refletir sobre essa experiência de promoção e incentivo à iniciação científica, quanto à formação de futuros professores e pesquisadores em História?

ESTUDANTES, PROFESSORES: AUTORES

Quando falamos em iniciação científica, em geral, vêm à mente atividades destinadas a uma pequena fração dos alunos de graduação. Especialmente, aqueles que demonstram interesses e habilidades que lhes direcionam para as atividades de pesquisa e os preparam para uma trajetória que poderá levar ao mestrado, ao doutorado, à pesquisa sênior e à docência em ensino superior. Essa é uma ponderação correta. Nem todos os alunos apresentam um perfil adequado a traçar uma carreira na pesquisa. Ao mesmo tempo, o número das bolsas de iniciação científica é limitado e, muitas vezes, é preciso selecionar os alunos para elas.

Sem discordar dessas práticas, é possível, porém, pensar em um aspecto a mais nesse tema. Mesmo que não consigam bolsas, mesmo que atuem somente como colaboradores, é pedagogicamente importante que um número cada vez maior de alunos se envolvam, de alguma forma, com grupos de pesquisa e com a iniciação científica. Com certeza, o número de alunos que participa de cada um desses grupos não pode ser ilimitado. O professor coordenador deve estipular um número máximo para que as tarefas inerentes à pesquisa não se vejam prejudicadas. Ainda assim, pensamos que o engajamento em grupo de estudos, discussão e, se possível, de atividades empíricas pode ser um forte instrumento formativo de docentes de História na educação básica.

O protagonismo discente na construção do conhecimento é um tema quase consensual nos meios universitários. O aluno é sujeito ativo do processo de aprendizagem. O professor deve empenhar-se em propiciar condições para que a atividade dos alunos seja viabilizada e estimulada. Tudo isso está muito bem, ninguém duvida. Essas idéias já se tornaram tema comum em reuniões pedagógicas e projetos de curso. Um pouco menos frequentes, porém, são as reflexões sobre os meios pelos quais esse objetivo deve ser alcançado e as formas de sua implementação. É exatamente aí que a iniciação científica pode dar uma contribuição poderosa.

Naturalmente, presume-se que os estudantes comecem a tomar contato com o processo da construção do conhecimento em História já nas suas primeiras aulas da graduação. Os professores das disciplinas específicas trabalham textos, debatendo as formas pelas quais os autores fizeram suas escolhas teórico-metodológicas e como buscam demonstrar suas teses.

Todavia, parece correto afirmar que esse processo de aprendizagem da construção do saber em História ganha uma dimensão ainda mais profunda e mais marcante, quando o aluno se engaja em projetos de iniciação científica.

O aluno, em iniciação científica, participa da equipe de um professor-pesquisador, compreende o projeto de pesquisa ao qual se engajou e situa sua própria contribuição para o desenvolvimento do projeto. Trata-se de um mergulho nos alicerces da construção historiográfica. Uma verdadeira *experiência* de imersão nas “oficinas da história” (FURET, s.d.; CERTEAU, 1982). Ali, a partir de seu *lugar* acadêmico específico, o graduando é apresentado aos instrumentos com os quais deve trabalhar e aos processos construtivos que já foram experimentados por outros profissionais: a delimitação das temáticas, o debate com a historiografia, a elaboração de um campo de problemas, a proposição de hipóteses, a construção de uma metodologia de pesquisa e de exposição, a coleta e tratamento das fontes pertinentes para sua demonstração. A partir dessa participação e do debate com o professor orientador e com outros colegas de iniciação científica, o estudante vai ganhando solidez para iniciar seus próprios projetos de pesquisa, mesmo que em escala modesta, ainda dentro do curso de graduação. Vai sendo confrontado com as encruzilhadas, com as angústias e com as possibilidades do processo de pesquisa.

Assim, começa a formação de um pesquisador e daí se pode partir para o mestrado e o doutorado. Esse é o caminho usual para aqueles que desejam exercer atividades de investigação histórica. cremos, porém, que os efeitos da iniciação científica podem ir ainda além. De um lado, eles auxiliam na construção de uma postura ativa dos graduandos ante a sua formação. Por certo, existem outros meios de incentivar o protagonismo discente, mas a iniciação científica costuma ter efeito direto sobre essa questão. Alunos que participam dessas experiências tendem a compreender mais rapidamente o fato de que são sujeitos ativos de sua própria formação como profissionais de História.

Além disso, se bem direcionada, a iniciação científica pode atuar diretamente na formação desses mesmos graduandos como *professores de História*. E aqui não nos referimos apenas aos professores do ensino universitário que, ademais, devem ser também pesquisadores, mas inclusive, aos professores da educação básica. Se encaramos que uma aula, em qualquer nível de ensino, é uma *obra*, então o papel do professor, em conjunto com seus alunos, como um dos autores dessa obra, deve ser posto em relevo. Além da metodologia de ensino-aprendizagem adequada, é preciso perceber que o papel ativo do professor aparece diretamente

também na própria escolha do conteúdo a ser trabalhado, da importância que vai se dar a um tema e do silêncio que vai se impor a outros, dos recursos didáticos empregados e dos conceitos teóricos que vão nortear essas escolhas.

Nem sempre é fácil para os professores perceberem esse seu papel de *autores*. Há muitos fatores trabalhando contra isso, em geral, decorrentes da correria vertiginosa e do excesso de demandas da vida moderna e do atual sistema de trabalho. Essa velocidade e a sobrecarga de atividades são venenos contra a reflexão e contra a profundidade. A profusão de informações a que se tem acesso, normalmente, não pode ser aproveitada de modo a ser incorporada, conscientemente, na prática, porque não há tempo para meditar sobre nenhuma delas (VIRILIO, 1996). Por isso, existe uma tentação de deixar os costumes, os programas de conteúdos e os livros didáticos falarem por si. Isso significa renunciar à autoria docente e adaptar-se a uma linha de (re-)produção, em que o produto final do processo de ensino-aprendizagem não traz as marcas dos professores. Significa renunciar à potência da criatividade e tornar-se uma peça indiferenciada de uma complicada maquinaria cujo sentido global mal se compreende.

Nesse sentido, parece correto afirmar que a iniciação científica pode ajudar a formar professores com mais experiência de protagonismo e mais conhecimento dos meandros da construção do saber historiográfico. Não estamos afirmando que a iniciação científica, por si só, forma professores mais bem preparados. Há uma miríade de outros aspectos de extrema relevância envolvidos na formação professores. No entanto, não há como negar que, se direcionada para essas reflexões, uma experiência de iniciação científica pode ajudar a formar um caráter de forte *protagonismo* nos futuros professores. Isso significa, ajudar a formar profissionais que empreguem sua criatividade para colocar algo de especialmente seu como contribuição ao processo de ensino-aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O protagonismo discente, seja na construção do conhecimento pelos graduandos, seja nas escolhas que permeiam a sua formação acadêmica, não é óbvio, nem fácil. Passar do reconhecimento da necessidade de maior autonomia dos alunos a práticas que propiciem sua ocorrência é um processo árido, que encontra resistências diversas. Aceitar que essa construção de autonomia, embora lenta, deva ser buscada, implica em promover ações concretas. Pensamos que a experiência de iniciação científica é uma das práticas que, se bem trabalhada, pode ter verdadeira efetividade nesse sentido.

Ao viabilizar o engajamento discente na pesquisa e favorecer o emprego da criatividade dos alunos, a iniciação científica pode ajudar a formar estudantes com maior autonomia, pesquisadores atuantes e futuros professores que tomem para si o desafio, o encanto e a responsabilidade de se tornarem verdadeiros autores, com seus alunos, do processo de ensino-aprendizagem em História.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense. 1982.

FURET, François. **A oficina da História**. Lisboa: Gradiva. s.d..

VIRILIO, Paul. **Velocidade e política**. São Paulo: Estação da Liberdade. 1996.